TEXTOS INDIGENISTAS

nimuendaju.org

CURT NIMUENDAJÚ

INTRODUÇÃO
Carlos de Araújo Moreira Neto
PREFÁCIO e COORDENAÇÃO:
Paulo Suess

Edições Loyola

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org/nicolai

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Nimuendajú, Curt, 1883-1945.
N618t Textos indigenistas : relatórios, monografias, cartas / Curt Nimuendajú ; introdução Carlos de Araújo Moreira Neto ; prefácio e coordenação Paulo Suess. -- São Paulo : Ed. Loyola, 1982.
(Coleção missão aberta ; 6)

Bibliografia.

1. Índios da América do Sul - Brasil I. Título.

82-1267 CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Índios 980.41
2. Brasil : Povos indígenas 980.41
3. Índios : Brasil 980.41
4. Povos indígenas : Brasil 980.41

PREFÁCIO

Paulo Suess

Com a presente coletânea de TEXTOS INDIGENISTAS de Curt Nimuendajú não queremos apenas — embora um pouco adiantado — comemorar o centenário de seu nascimento no dia 17 de abril de 1883 em Jena. Queremos também propor a leitura destes TEXTOS como leitura obrigatória para todos os que se propuseram a trabalhar como profissionais ou amadores entre os povos indígenas ou na sociedade envolvente em benefício deles. Em "benefício" quer dizer: pelo seu reconhecimento como povos diferentes, por sua terra e sua organização.

Publicamos estes TEXTOS na Coleção MISSÃO ABERTA do Conselho Indigenista Missionário/CIMI. Alguns missionários e/ou indigenistas poderiam questionar tal empreendimento, já que não se trata de textos clássicos de missiologia. A MISSÃO ABERTA propõe o diálogo pluridisciplinar com as ciências humanas. "A situação presente do mundo exige uma ação de conjunto a partir de uma visão clara de todos os aspectos econômicos, sociais, culturais", diz PAULO VI na sua Encíclica sobre o "Desenvolvimento dos Povos" (n.º 13). Todas as ciências que ajudam na leitura de uma realidade complexa e muitas vezes opaca, trazem alguma luz para uma ação pastoral encarnada, em nosso caso, para uma pastoral em função da vida e da sobrevivência dos povos indígenas. Todas as questões de VIDA são questões de Pastoral!

A Pastoral Indigenista já há tempo procurou sair do gueto eclesial e proselitista, porque sabe dos riscos e das falhas histórí-

cas do monólogo daquele missionário ou daquela Congregação que no monólogo acabam falando somente consigo mesmo. A Igreja missionária tem muito a apreender de uma antropologia solidária e de um indigenismo comprometido com a sobrevivência e a reconstrução das condições de vida dos povos indígenas. O diálogo requer o reconhecimento dos próprios erros, a renúncia à atitude de ser "dono da verdade" e a liberdade de escolher o parceiro de diálogo. A Pastoral Indigenista está se libertando de parceiros historicamente impostos, está se libertando das algemas governamentais nas quais estava amarrada desde o tempo do Padroado, onde funcionava como fornecedora da ideologia e como executora de ordens dos respectivos governos. Aliás os mesmos perigos rodeiam também os antropólogos e indigenistas, por vezes fechados num monólogo ou em brigas acadêmicas, por vezes caindo nas ciladas de um indigenismo estatal que — com poucas exceções de uma ou outra figura carismática — terminaram num peleguismo indigenista que afinal traiu os índios.

É claro, também dentro do espectro de uma política indigenista alternativa representada por diversas organizações não-governamentais, vários caminhos são percorridos e diferentes opções são feitas. A Coleção MISSÃO ABERTA quer ser um foro aberto para publicar experiências, pesquisas, ensaios que são capazes de fortalecer a solidariedade e o compromisso da sociedade civil para com os povos indígenas. Dentro deste parâmetro aceitamos também "pro-vocações" inspiradoras. Não nos identificamos de antemão com todas as páginas ou linhas publicadas nesta coleção por colaboradores ou autores, por amigos ou conhecidos. Às vezes se propõe uma leitura para gerar na discordância estimulante um debate que faz se aproximarem os que lutam nos seus campos específicos (e com suas limitações específicas) pela sobrevivência dos índios. No trabalho ao lado dos povos indígenas aprendemos num primeiro passo aceitar, depois valorizar e admirar a alteridade indígena. Na aceitação da diferença nos aproximamos da objetividade.

Nimuendajú era um mestre implacável da objetividade. Também nas suas críticas severas aos diferentes agentes da sociedade envolvente, soube sempre distinguir o "possível" do "desejável". "A questão não é porém", escreve no seu relatório sobre a situação no Rio Negro, "o que se devia fazer, mas o que se podia fazer nas atuais circunstâncias" (1950: 177). Com todas as críticas feitas à ação missionária — e isso com muita razão — Nimuendajú soube também avaliar o "mal menor" desta ação, quando escreve no mesmo relatório:

> *"Não resta, porém, a menor dúvida que a missão traz um grande número de benefícios para os índios, e que das quatro calamidades que pesam sobre eles: colombianos, negociantes brasileiros, delegados egoistas e missionários intolerantes, estes últimos sejam ainda mais facilmente suportáveis: porque o índio na missão não está debaixo de tiranos mas somente de tutores. Não me consta que os Salesianos jamais tivessem empregado violência contra os índios; basta este fato destacá-los daqueles outros três elementos" (1950: 179).*

Antropólogos, indigenistas e missionários nos permitam que desenterremos, por ocasião do centenário, não os ossos de um santo envenenado pelos índios, mas algumas relíquias preciosas da obra indigenista e científica de Curt Nimuendajú, de quem Egon Schaden escreveu, que "imprimiu novos rumos à pesquisa etnológica no país" (1966: 27). Essa obra científica já é patrimônio da humanidade. Sua divulgação é um dever sagrado dos sobreviventes. Aliás, se a edição destes TEXTOS INDIGENISTAS poderia estimular alguma entidade científica do país para editar as "Obras Completas" do autor, seria, além da justiça para com o cientista Nimuendajú, um benefício para com os sobreviventes.

Brasília, 17 de abril 1982

PAULO SUESS